

# CONHECENDO O COTIDIANO DE UMA ESCOLA

**Nilcélio de Mello Aires**

*Acadêmico Curso de Licenciatura em Matemática  
Instituto Federal de Educação, Ciência  
e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM)*

**Adriana Paula Martins**

*Mestre em Educação  
Instituto Federal de Educação, Ciência  
e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM)*

## Resumo

O objetivo desse estudo é descrever um relato de experiência vivenciado em salas de aula em uma escola pública da cidade de Uberaba. Essa atividade foi proposta sendo parte integrante da avaliação final da disciplina Sociedade, Educação e Cultura do Curso de Licenciatura em Matemática. Foram entrevistadas algumas professoras acerca de diversos temas ao longo de três tardes, em que foram discutidos pontos paralelos bem como comparações relativas à educação e à cultura do passado e da contemporaneidade. Paralelamente à pesquisa de campo, desenvolvemos a pesquisa documental recorrendo a Laraia (2001). A presente pesquisa destaca o cotidiano na escola, o funcionamento das atividades, as divisões de horários e departamentos em geral: cantina, biblioteca e quadra de esportes. Foi observado ainda como a aplicação didática e da distribuição de tarefas faz toda a diferença no funcionamento acadêmico/escolar sobretudo tratando-se de crianças.

Palavras-chave: Professores. Cotidiano. Escola.

## Abstract

The objective of this study is to describe an experience report lived in classrooms at a public school in the city of Uberaba. This activity was proposed as an integral part of the final evaluation of the Society, Education, and Culture discipline of the Mathematics Teaching Degree Course. Several teachers were interviewed on various topics over three afternoons, during which parallel points as well as comparisons regarding education and culture from the past and contemporaneity were discussed. Alongside the field research, we conducted documentary research referring to Laraia (2001). This research highlights the daily life in the school, the functioning of activities, the divisions of schedules, and departments in general: cafeteria, library, and sports court. It was also observed how didactic application and task distribution make all the difference in academic/school functioning, especially concerning children.

Keywords: Teachers. Daily life. School.

## Introdução

Esse relato de experiência originou-se de uma visita in loco realizada como avaliação final da disciplina de Sociedade, Educação e Cultura do Curso de Licenciatura em Matemática à distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM.

A visita foi realizada a partir das orientações postadas no ambiente virtual de aprendizagem da referida disciplina. Tais orientações descreviam que os relatos de experiência deveriam ser elaborados a partir de uma visita em campo e que essa visita deveria ser realizada em escola de preferência do estudante. No desenvolvimento dos textos do Relato de Experiência deveria ser respondida a seguinte questão central: Qual o papel da educação na sociedade para a formação e/ou transformação de uma cultura? Para responder a essa questão os estudantes deveriam entrevistar pelo menos um professor abordando a questão central citada e/ou outras questões pertinentes ao seu Relato de Experiência. Sugeriu-se ainda que fossem discutidas as questões abaixo:

1. Observe se há e como são tratadas as crianças/adolescentes com deficiência.
2. Identifique como são tratadas as questões de diversidade de gênero (lésbicas, gays, travestis e transexuais).
3. Descreva o papel da mulher nesse ambiente.
4. Reflita se as imagens e/ou situações vistas na escola podem ser reproduzidas na sociedade. Para realização do trabalho foi solicitado ainda a consulta dos materiais estudados no decorrer dessa disciplina para elaborar a “Discussão” de seu Relato de experiência.
5. Os Relatos de experiência deverão ter entre 10 e 12 laudas.
6. Os Relatos de experiência deverão ser postados nessa atividade.

Para tanto, nesse relato de experiência, a proposta foi visitar a Escola Estadual João XXIII na cidade

de Uberaba-MG. Parte integrante do aporte teórico para esse trabalho, foi Laraia (2001), em cuja obra encontramos um histórico do conceito de cultura, o qual utilizamos considerando ponto de partida para nossas observações em campo. O autor cita a definição de Tylor oriunda de 1871 para cultura: “todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje” (LARAIA, 2001, p.16).

Ainda nessa obra, conhecemos também aspectos culturais que podem auxiliar no entendimento da cultura. Uma vez que podemos considerar uma instituição de ensino como um dos maiores sistemas da história, uma leitura etnocêntrica desse espaço muito nos enriquece a teoria.

Concluindo, cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (LARAIA, 2001, p. 52).

A partir dessa visão de cultura, percebemos que nas últimas décadas, o ensino no Brasil tem passado por diversas mudanças, dentre elas podemos citar o próprio grau de instrução de alunos e professores. Lembro muito bem de meu pai, hoje com 60 anos, contar que sua professora na escola lá na roça, era a própria irmã (no caso, minha tia) e a formação dela era 8ª série do 1º grau, sendo equivalente, em 2018, sob nova nomenclatura, ao 9º ano do ensino fundamental.

Atualmente, esta formação não dá direito a ninguém receber o título de professor (a) por ser considerada um baixo nível de escolaridade.

Outra mudança radical, além da diferença relativa à formação dos professores, é a própria instrução dos alunos. Meu pai foi até a 5ª série do 1º grau e minha mãe estudou até a 4ª. Frequentar uma sala de aula para aprender língua portuguesa, matemática, ciências e tantas outras disciplinas não era prioridade para as pessoas. Percebo que não era uma realidade apenas na minha família, mas os vizinhos (as), amigos (as) e conhecidos (as) em geral, na faixa etária de meus pais, estavam e permanecem em situação muito parecida; com pouca ou nenhuma escolaridade.

As pessoas nas décadas de 1940, 1950, 1960, 1970 tinham como cultura prioritária o trabalho no campo, principalmente para o sustento da família, e não se importavam muito com o ensino, com a formação escolar dos filhos e netos.

O papel da mulher, em síntese, era ser dona de casa, cuidadora dos afazeres domésticos. A matriarca ficava responsável pela criação e cuidado dos filhos que, geralmente, eram em grande número.

Aconteceram muitas transformações! Por muito tempo o ensino nas escolas, por exemplo, da disciplina de História, se resumia a transmissão de fatos que envolviam grandes acontecimentos, anotados em uma sequência linear e ordenados dentro de uma linha do tempo. Essa linha do tempo citava grandes personagens

como Pedro Álvares Cabral, Cristovão Colombo, Tiradentes, Princesa Isabel, resumindo a disciplina História no passado. Diferente de hoje com tantos debates, temas, discussões entre os alunos dentro da sala de aula em que cada um comenta e defende seu ponto de vista com segurança e precisão.

A escola é o local onde a tarefa de ensinar a ler e escrever são competência de todas as áreas do conhecimento. Este espaço privilegiado para desenvolvimento da leitura e escrita é responsável por levar o aluno a construir seus pontos de vista, onde tem como mediador o papel do professor, que se utilizará de estratégias para auxiliar e promover a interpretação, leitura e escrita das múltiplas linguagens. O papel do professor de História é de extrema importância ao intermediar a leitura das várias linguagens que abordam o conteúdo histórico e das várias etapas de um texto histórico, estimulando a argumentação e a observação da realidade que cada aluno vive na sociedade a fim de formar um cidadão consciente e transformador (ARMILIATO e RELA, p. 3 e 4).

A abordagem do passado apresentava os fatos como consequência de ações anteriores, conferindo um caráter meramente informativo dos processos históricos. Este modo de ensinar as matérias e todos os seus conteúdos serviu para justificar a situação de exclusão social vivida por muitos estudantes em seu cotidiano. Os alunos não conseguiam relacionar suas próprias vidas à história estudada nos livros e por outro lado “se fazia sentido, eu aprendia” (CORTELLA, Mário Sérgio) visto que o que era ensinado na escola apresentava-se apenas um instrumento de reprodução dos valores das camadas dominantes da sociedade brasileira.

O enfoque da mesma disciplina hoje é muito diferente, podemos dizer muito avançado. O aluno deseja conhecer o Universo e desvendar os seus mistérios. Sabemos que o homem já conseguiu chegar à lua e enviou naves com robôs para os lugares mais distantes, para os extremos da Terra. As histórias que dizem respeito a astronautas, discos voadores, viagens espaciais estão registradas nos filmes, nos livros, nos jogos, na internet e, com todo este material, os professores atualmente levam para suas salas de aula para ensinar e contar de uma maneira mais interessante, cada vez mais com uma metodologia inovadora!

## Desenvolvimento

A Escola Estadual João XXIII utiliza grande parte desta metodologia inovadora para instruir seus alunos aproximando em vários aspectos estudantes e conteúdos estudados.

Neste relato de experiência foi pedido para que uma das professoras narrasse um pouco de sua experiência profissional: quanto tempo atua na educação? Por que escolheu esta carreira? Quais os principais desafios enfrentados no dia a dia?

Estas e outras perguntas foram respondidas pela professora regente.

*“Estou atuando na educação há mais de 10 anos. Terminei os estudos do ensino médio com excelência e logo comecei a faculdade: Normal Superior na Unipac. Concluí em 3 anos e, com 1 mês de graduada, iniciei os meus trabalhos como professora: regente de turma.*

*Escolhi esta profissão desde muito pequena. Sempre brincava de escolinha e era fascinada por todos os meus professores e escolas onde estudei. Até que cresci e realizei o sonho de estudar e trabalhar com o que sempre sonhei.*

*Acho esta profissão mágica e muito bonita. Sempre admirei e respeitei todos os meus professores. Como sou apaixonada pelo que faço (sem demagogia nenhuma) não considero muitos os desafios. Tudo que enfrento e acredito que sejam desafios ajudam-me no crescimento e desenvolvimento da minha profissão. O que realmente me preocupa são os alunos indisciplinados com dificuldades na aprendizagem e que não recebem apoio da família”.*

Também foi perguntado à professora regente sobre suas experiências de trabalho diante de crianças e adolescentes deficientes, crianças que de alguma forma foram discriminadas pela cor negra ou baixa condição financeira ou até mesmo adolescentes que sofreram discriminação em função de gênero.

*“Eu particularmente, desde que comecei, nunca trabalhei com alunos com deficiência (nenhum cadeirante, nenhum surdo) então não posso descrever especificamente como são tratados. Apenas uma vez vivenciei uma experiência de discriminação: o aluno colocou o nome para participar da festa junina. Estava todo animado em dançar no evento. Quando os pares foram formados ele não quis mais participar porque o par dele era uma menina negra. Conversei com ele, com os pais e ele optou por não dançar. Lamentável!*

*Já trabalhei em escolas que estudaram crianças de baixa renda. Sempre observei que são tratadas da mesma forma que as demais”.*

Confesso que fui surpreendido com este depoimento da professora referente à discriminação devido ao fato do racismo ter partido de um menino. Sabemos através das práticas vivenciadas em família, em ambientes contendo as crianças, quando há algum desentendimento, em um minuto brigam e dentro de instantes fazem as pazes, voltam a brincar como se nada estivesse ocorrido, como se nunca tivessem brigado, discutido. Crianças agem assim. É uma característica natural delas.

Diante dos fatos narrados foi surpresa o ocorrido! E neste acontecimento lamentável comentado pela professora, nem depois de ela conversar com o menino e com os pais, nem assim a criança aceita a participar da festinha junina. Triste este testemunho! Os adultos são mais rancorosos, corações endurecidos. Talvez fosse considerado “normal” uma atitude dessa partindo de alguém chamado de grande, mas por ser uma atitude vinda de um pequenino é assustador!

Não diminui a tristeza, mas serve como consolo para nós enquanto sociedade é que ela não tem mais nenhum outro relato (pelo menos que se lembrasse naquela oportunidade) de discriminação. Consideramos, o ocorrido, um fato isolado.

Foram três tardes de visitas à escola em que pude observar que há um papel de destaque da presença feminina neste ambiente porque é quase a totalidade do corpo docente. Mais que isso, na escola João XXIII o time formado por mulheres inicia-se na direção da escola, na vice-direção com mais delas, em toda a secretaria, na parte da cantina, na área da limpeza, na porta-

ria, enfim, em todas as áreas pertinentes a escola é delas o domínio, única presença masculina é o professor de educação física. Muito bem administrada pelas mulheres.

Parte desta administração refere-se à escolha do material didático a ser trabalhado com os estudantes.

A escola visitada, assim como milhares de escolas públicas de nosso país, recebe as obras referentes ao Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, distribuídas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, após criteriosa avaliação do Ministério da Educação, para que professores e alunos contem com matérias de qualidade física e pedagógica.

É importante anotar que os livros do 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental são consumíveis e podem permanecer com os estudantes após sua utilização no decorrer do ano, servindo de fonte de consulta para rever a aprendizagem.

Do 4º ano em diante, o livro é reutilizável. Outros estudantes o utilizarão durante a vida útil do material. Por isso, cada aluno deverá cuidar e devolvê-lo à biblioteca, bem conservado ao final do ano letivo.

Aquelas tardes de observações na escola somadas à disposição e atenção das professoras ajudando na elaboração deste relato de experiência foi possível verificar que diariamente os alunos participam de diferentes atividades. Muitas delas têm horários já pré-estabelecidos para acontecer. *“Há momentos de estudar sozinho como na hora do ditado ou na hora da prova; estudos em grupo; dinâmicas com a turma; alunos ao quadro para resolver exercícios na frente de toda a classe. Tem ainda os preferidos da garotada: o horário de brincar que é o recreio e também as aulas de educação física”*, destaca outra professora.

A quadra da escola é um lugar muito frequentado por ter ótima infraestrutura, ser coberta e possuir banheiros de fácil acesso aos usuários. Pelas visitas realizadas é possível observar que as crianças amam estar ali. Futebol, pega-pega, queimada e muitas outras brincadeiras são realizadas neste local.

No período vespertino, a escola conta com estudantes do 1º ao 4º ano do ensino fundamental, que geralmente são crianças da faixa etária de 6 a 9 anos. No matutino acrescenta o 5º ano, alunos de 10 anos. Interessante a responsabilidade e preocupação dos funcionários que organizam todo o fluxo dentro da escola, pois adotaram um horário de recreio diferente para os alunos com a finalidade de preservar e cuidar da integridade física das crianças menores. *“Todos brincam, se divertem e passam o recreio em segurança. De acordo com idade, há um momento para o intervalo; hoje, separando as crianças do 1º ano com o restante do colégio”*, conta a professora.

Há ainda dois ambientes de que os estudantes gostam de frequentar: o refeitório e a biblioteca. Refeições muito saborosas são degustadas - macarrão ou macarronada, sopa, arroz doce, galinhada, canjica, bolachas com leite, vitaminas e frutas em geral são exemplos das delícias servidas ali no refeitório ao longo do ano. Na biblioteca, *“os gibis estão entre os preferidos da criançada, fazem parte dos materiais mais usufruídos daquele local”* é o que percebe a professora do primário.



A interação é outro ponto muito desenvolvido, afinal a escola é um lugar para conviver e aprender. Atualmente, em grande parte das escolas, os alunos costumam ficar bem à vontade para fazer questionamentos aos professores, pedir ajuda em diversas atividades e até mesmo assuntos não relacionados diretamente às salas de aula.

Isto é muito bem visto pelos professores porque os estudantes participam ativamente das atividades. Os objetivos propostos são atingidos com interação, diferente do modo passivo de antigamente.

Pensando na sociedade de forma geral e não apenas no ambiente escolar, aprendemos que direito é tudo o que a pessoa pode, por lei, exigir de outras pessoas ou mesmo do governo para benefício próprio ou para todo seu grupo. Por outro lado, as pessoas têm deveres junto ao governo e diante de outros indivíduos.

É interessante notar como a cultura é dinâmica. No passado, os pais tinham um grande número de filhos, a exemplo, na casa de minha mãe eram 8 filhos e 10 na casa de meu pai. Esta quantia gerada era muito útil para ajudar no plantio, na colheita e demais serviços na zona rural. A preocupação era o sustento da família, estudos não faziam, nem de longe, prioridade daquela cultura. Hoje é completamente diferente. O número de filhos é reduzido e desde cedo a preocupação em dar uma boa educação é prioridade para muitas famílias a fim de garantir melhores condições de vida.

A pergunta: “O que você vai ser quando crescer”? Nunca foi levada tanto a sério como atualmente. Este questionamento, geralmente é realizado durante um diálogo de um adulto com uma criança quando ocorre um interesse em descobrir qual o futuro que ela quer traçar em que o contexto da conversa tende a levar afirmativas que a educação é um excelente caminho para alcançar um futuro de sucesso.

Hoje, na maioria das escolas brasileiras, as salas de aula são compostas de garotos e garotas, porém nem sempre eles puderam estudar juntos na mesma turma. A cultura e metodologia eram distintos em relação ao que testemunhamos e vivemos. Há cerca de 100 anos, o cotidiano nas escolas era bem diferente. A primeira grande lei educacional do Brasil, de 1827, determinava que, nas “escolas de primeiras letras” do Império, meninos e meninas estudassem separados e tivessem currículos diferentes. (AGÊNCIA SENADO. WESTIN, 2020).

No passado, o relacionamento entre alunos e professores costumava ser bem distante, quase nada parecido, do que é atualmente. Os alunos decoravam a matéria ensinada. Não havia muita troca de ideias entre estudantes e professores, pois as conversas em sala eram pouco valorizadas. Antigamente a avaliação escolar era feita somente para verificar se os alunos tinham memorizado os conteúdos ministrados em sala de aula e constantes na grade escolar. Assim sendo, os alunos aparentemente nada aprendiam, somente decoravam o

conteúdo e na hora da avaliação reproduziam como máquinas. (BRASIL ESCOLA. SILVA, M.A.).

As finalidades da educação formal costumavam ser diferentes para meninos e meninas. As escolas do início do século 20 tinham objetivos distintos em relação à educação de homens e mulheres. Algumas profissões eram consideradas masculinas, por exemplo, a Medicina. Enquanto isso, as mulheres eram educadas para serem excelentes dona de casa. Tinham aulas de tricô, crochê, costura, bordado, aprendiam a cozinhar e a cuidar de crianças desde cedo. A partir da década de 1930, porém, além dessas aulas, as mulheres começaram a ser educadas para exercer uma profissão: o magistério.

Profissão feminina por excelência, a carreira de professora foi a primeira e, por muito tempo, a única possibilidade de as mulheres trabalharem fora do lar. Até meados do século XX para estudar e se profissionalizar cedo, a mulher só podia ser normalista, com raras exceções. Elas começavam a sair da vida estritamente doméstica para conquistar espaço na sociedade e no mundo do trabalho.

E nada melhor para a tranquilidade de pais e maridos que elas permanecessem em ambiente seguro, sem oferecer qualquer risco ao domínio masculino. No tempo da professora Iracema Noemia Farina, de São Paulo, era forte a participação da Igreja no ensino, e estudar era um privilégio de poucos. (BENCINI, 2005).

As primeiras normalistas assistiam às aulas nas mesmas salas que os rapazes, mas entre homens e mulheres estendia-se uma linha divisória ficando apenas a cadeira do professor visível para os dois lados. Isso para as disciplinas comuns, pois havia aquelas específicas. Enquanto os mancebos estudavam economia política, renda, juros, lucros, impostos, etc., as moças aprendiam a coser e a bordar nas aulas de economia doméstica. Para elas, fazenda era linho, algodão, lã ou seda.

## Considerações finais

Concluindo a experiência vivenciada em salas de aula em uma escola pública da cidade de Uberaba, os objetivos propostos foram alcançados graças à boa vontade da professora regente de turma em permitir acompanhar o cotidiano dela e dos alunos e também graças a dedicação em responder aos questionários da entrevista.

Outro ponto que merece destaque de tudo que foi observado na referida escola é o fato do domínio feminino em todos os aspectos relacionados ao cotidiano de uma escola. Neste Relato de Experiência, pude notar um domínio total das mulheres atuando na educação na Escola João XXIII. As mulheres desempenham importantes papéis em um ambiente escolar.

Os tempos mudaram e hoje a participação das mulheres na sociedade é percebida em todos os setores. Elas podem e devem usufruir do seu devido espaço. Assim, homens e mulheres podem

desenvolver todos os tipos de profissões sem distinção de gênero.

Foi possível observar que a escolha desta profissão de professor, tanto por parte de uma professora entrevistada como de outra, é puramente por gostar de lecionar, ter prazer naquilo que fazem e que a escolha não tem a ver somente com a questão financeira ou valorização profissional.

Isto muito me impactou e me estimula a continuar nesta jornada não visando apenas o lado financeiro, mas o prazer em trabalhar em sala de aula.

## Referências

AGÊNCIA SENADO. WESTIN, Ricardo. Para lei escolar do Império, meninas tinham menos capacidade intelectual que meninos. Publicado em: 02 mar. 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/nas-escolas-do-imperio-menino-estudava-geometria-e-menina-aprendia-corte-e-costura>>. Acesso 13 abr. 2020.

ALMEIDA, J. S. de. Mulheres na escola: Algumas reflexões sobre o magistério feminino. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev.1996.

BARRETTO, E.S. de S. e MITRULIS, E. Trajetória e desafios dos ciclos escolares no país. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142001000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200003)>.

BRASIL ESCOLA. SILVA, Marco Aurélio. Processo de avaliação educacional. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/processo-avaliacao-educacional.htm>>.

BUENO, Zuleika de Paula e PRADO, Sandra Mara. Antropologia, história e imagem. In: ASSIS, Valéria Soares de. Educação e Realidade: Antropologia, Cultura e Educação. 2.ed. — Maringá: Eduem, 2009. p. 59 – 76.

ARMILIATO, V.C. e RELA, E. O ensino da história numa perspectiva interdisciplinar: práticas e reflexões. Disponível em: <<https://www.feevale.br/Comum/midias/cacb6659-831f-4038-8bec-54d68196f238/Vanessa%20Armiliato.pdf>>.

GAZETA DO POVO. Pesquisa comprova que preconceito atinge 99,3% do ambiente escolar no Brasil. Publicado em: 17 jun. 2009. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/pesquisa-comprova-que-preconceito-atinge-993-do-ambiente-escolar-no-brasil-bmg041fsqj54m7htmbm3emm32/>>. Acesso 12 dez. 2018.

GT Racismo MPPE. Vamos falar sobre o racismo na infância? Publicado em: 2015. Disponível em: <[https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/mppe/gt\\_racismo\\_mppe\\_37.pdf](https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/mppe/gt_racismo_mppe_37.pdf)>.

IBGE. Agência de notícias. Indicadores de educação avançam, mas desigualdades regionais e raciais persistem. Publicado em: 19 jun. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24852-indicadores-de-educacao-avancam-mas-desigualdades-regionais-e-raciais-persistem>>. Acesso 20 dez. 2019.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARQUES, Pâmela. Caminhos da Escola - Educação para a diversidade. Youtube, 16 de abr. 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=n1dIdNhX0NA>>. Acesso em: 21 abr. 18.

NOVA ESCOLA. Separar meninos e meninas é uma volta ao passado. Publicado em: 02 ago. 2017. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/5323/genero-machismo-separar-meninos-e-meninas>>. Acesso 13 dez. 2018.

NOVA ESCOLA. BENCINI, Roberta. Memória viva da educação. Publicado em: 01 de set. 2005. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2795/memoria-viva-da-educacao>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

PRICE, Marcello. Cortella: E o Cícero? Oportunidades de educação... Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=1jEadbuF\\_9g](https://www.youtube.com/watch?v=1jEadbuF_9g)>. Acesso em: 22 abr. 18.

SIQUEIRA, Bárbara Bezerra. As transformações na historiografia e no ensino de história a partir do século XX. Disponível em: <[http://www.anpuhpb.org/anais\\_xiii\\_eeph/textos/ST%2003%20-%20B%C3%A1rbara%20B.%20Siqueira%20e%20Juliana%20R.%20de%20Souza%20TC.PDF](http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2003%20-%20B%C3%A1rbara%20B.%20Siqueira%20e%20Juliana%20R.%20de%20Souza%20TC.PDF)>.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. É hora de discutir diversidade dentro da escola. Publicado em: 28 de jun. 2020. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/e-hora-de-discutir-diversidade-dentro-da-escola/>>. Acesso em: 04 ago. 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. O combate ao racismo passa pela escola. Publicado em: 07 de mai. 2018. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/o-combate-ao-racismo-passa-pela-escola/>>. Acesso em: 05 jan. 2019.